



OS
DIÁRIOS
DA
PRINCESA

Carrie Fisher

PARA

George Lucas

Harrison Ford

Mark Hamill

Irvin Kershner

J. J. Abrams

Rian Johnson



Estávamos em 1976...

Os Anjos de Charlie, Laverne & Shirley e Family Feud estrearam na televisão.

Steve Wozniak e Steve Jobs fundaram, numa garagem, a empresa de computadores Apple.

A Food and Drug Administration banuiu o corante de amaranho depois de se descobrir que causava tumores nas bexigas dos cães.

Howard Hughes morreu aos 70 anos com insuficiência renal, num jato privado a caminho de um hospital em Houston. Valia mais de dois mil milhões de dólares e pesava 40 quilos.

Foi publicado o romance de estreia de Anne Rice, *Entrevista com o Vampiro*.

Israel resgatou 102 passageiros da Air France, que haviam sido mantidos reféns no aeroporto Entebbe, no Uganda.

A rainha enviou o primeiro e-mail real, o IRA e os Sex Pistols tomaram Londres de assalto e a *Bohemian Rhapsody*, dos Queen, foi disco de ouro.

A ex-mulher de Andy Williams, Claudete Longet, matou a tiro, acidentalmente segundo ela, o seu amante esquiador, Spider Sabich.

Um congressista da Pensilvânia foi nomeado para um 12.º mandato, apesar de ter morrido duas semanas antes.

Caitlyn Jenner, na altura ainda Bruce, venceu a medalha de ouro no decatlo olímpico, obtendo o título de «Maior Atleta do Mundo».

Havia muitas coisas a acontecer.

Ocorreu o primeiro surto de Ébola em África, deu-se o pânico por causa da gripe suína e, num hotel contaminado, em Filadélfia, a doença do legionário matou 29 pessoas.

Um golpe militar depôs a presidente da Argentina, Isabel Perón.

Sal Mineo foi esfaqueado até à morte e Agatha Christie e André Malraux morreram, embora não ao mesmo tempo.

Saul Bellow ganhou o Pulitzer com *O Legado de Humboldt* e o Nobel pelo conjunto da sua obra literária.

O Filho de Sam matou a sua primeira vítima.

Distúrbios no Soweto assinalaram o início do fim do apartheid na África do Sul.

Foi formada a banda de *rock* que haveria de se transformar nos U2.

A Associação de Ténis dos Estados Unidos impediu a transsexual Renée Richards de jogar no Open dos EUA.

Escândalo na TV deu-nos a tirada icónica de Howard Bleak, «Estou zangado como o caraças e não vou aguentar mais isto.», e Paul Simon ganhou o Grammy para Melhor Álbum do Ano por *Still Crazy After All These Years*.

Jimmy Carter derrotou Gerald Ford, mesmo depois de ter dito numa entrevista à *Playboy* que, do fundo do coração, desejava mulheres.

Nasceram Ryan Reynolds e Benedict Cumberbatch, assim como Colin Farrell, Rashida Jones, Alicia Silverstone, Rick Ross, Anna Faris, Peyton Manning, Audrey Tautou, Ja Rule e Reese Witherspoon.

George Harrison foi dado como culpado por plagiar *He's So Fine* para *My Sweet Lord*.

O *running back* dos Buffalo Bills, O. J. Simpson, fez o jogo da sua vida, conquistando um recorde de 273 jardas e marcando dois *touchdowns* contra os Detroit Lions.

Mao Tsé-Tung morreu.

O Supremo Tribunal restaurou a pena de morte, decretando que o castigo não era particularmente cruel ou invulgar.

The Band deram o seu concerto de despedida em São Francisco.

Elizabeth Taylor e Richard Burton separaram-se ao fim de quatro meses de casamento, que fora precedido por 16 meses de divórcio.

A América festejou o seu bicentenário.

Acho que já deu para perceberem. Foi um ano em que, como em todos os anos, aconteceu imensa coisa. As pessoas estavam na televisão ou no cinema, escreviam canções, umas mais

apreciadas do que outras, enquanto outras pessoas se excediam no desporto e, como sempre, morreu muita gente talentosa e famosa. Mas, no meio de tudo isto, algo grande começava. E, tantos anos depois, ainda não deixou de acontecer: *Star Wars*.

Estávamos a filmar *Star Wars* em Londres em 1976 e nenhum de nós fazia a mínima ideia de como as nossas vidas se alterariam de forma significativa quando o filme estresse no ano seguinte.

Corta até: 2013. Muitos eventos do género estavam a acontecer, só que mais depressa e de forma mais intensa. E George Lucas anunciou que o *franchise Star Wars* recomeçaria e que o elenco original iria participar.

Fiquei surpreendida. Tanto quanto se pode ficar já muito depois dos 40 anos. Quer dizer, achei que poderiam fazer mais filmes de *Star Wars* (não que pensasse muito nisso), mas duvidei que viesse a entrar em algum deles. E, agora, parecia que ia entrar. Aleluia!

Não por gostar de aparecer num ecrã. Já não gostava na idade em que se *podia* gostar, mas agora tinham 3D e alta definição e essas coisas, a tal ponto que todas as nossas rugas e papos murchos precisariam de agentes só para si. Por isso, se eu não gostava na altura, também não iria gostar agora, e haveria de ser sempre assim. A chatice é que eu não ia, de certeza, ver a nova sequência. Não comigo lá. Mas para o diabo com isso! Alguém ma havia de contar!

Se eu ia fazer o novo *Star Wars*, teriam de me pagar *alguma coisa*, apesar da nuvem de incerteza que, fácil e gradualmente, poderia ser lançada sobre a possibilidade de eu entrar no filme, tendo em conta parte do historial da empresa *Star Wars*. (Nada de merchandising! Mas talvez desta vez eu conseguisse algum!)

Iriam aproveitar-se do nosso desejo de participar. E facilmente poderiam deixar qualquer um de nós de fora do argumento. Bem, se calhar não tão facilmente, mas talvez pudessem afastar-nos se arrastássemos por muito tempo a discussão sobre quanto pretendíamos receber. E quando digo «nós», neste caso leia-se «eu».

Por muito que, ao longo dos anos, eu possa ter brincado em relação a *Star Wars*, eu gostava do facto de ter participado nesses filmes, especialmente por ser a única rapariga numa fantasia virada para rapazes. Foram divertidos de fazer. Era uma história para contar do melhor calibre.

Eu gostava de ser a Princesa Leia. Ou de que a Princesa Leia fosse eu. Com o tempo, achei que nos fundíramos numa só. Acho que ninguém pode pensar na Leia sem eu estar latente algures. E não me refiro a masturbação. Portanto, a Princesa Leia somos nós.

Conclusão: Eu ia poder pagar algumas, se não todas, as minhas contas! Talvez não imediatamente, mas em breve. Isto, claro, se não tivesse de pagar muito em breve contas de um apartamento. Mas pelo menos, poderia voltar a comprar coisas de que não precisava. Coisas de que não precisava e em quantidades desnecessárias! Talvez até pudesse tornar a ter

uma conta na Barneys! A vida era tão boa! A vida pública, isto é... piscinas, estrelas de cinema...

E assim, senhoras e senhores da lua, começou a minha nova aventura *Star Wars*. Como um *flashback* ácido, só que intergalático, momentâneo e essencialmente real!

Quem é que acham que eu seria se não tivesse sido a Princesa Leia? Sou a Princesa Leia ou ela é eu? Algures pelo caminho há de estar a verdade. *Star Wars* era e é o meu trabalho. Não me podem despedir e eu nunca vou conseguir pedir demissão. E porque é que haveria de querer fazê-lo? (É uma pergunta com tanto de retórico como de real.)

Hoje, ao vasculhar numas caixas com alguns dos meus escritos antigos, encontrei os diários que escrevi ao gravar o primeiro filme de *Star Wars*, há 40 anos. Mantenham-se sintonizados.



a vida antes de Leia

Dois anos antes de *Star Wars*, entrei num filme chamado *Shampoo*, protagonizado por Warren Beaty, que era o produtor, e realizado por Hal Ashby. Eu fazia de filha de Lee Grant. O meu papel era o de uma personagem zangada e promíscua, que acaba por fazer sexo com o amante/cabeleireiro da mãe. O papel principal era interpretado, naturalmente, por Warren. Foi ele, a par do argumentista Robert Towne, que me contratou para o papel de filha problemática.

Na altura, a última coisa que julgava querer era entrar no mundo do espetáculo, um trabalho instável, que dava uma sensação de desassossego e de humilhação, como aqueles *snacks* insossos que se comem nas projeções de filmes. O desconforto era alimentado pela discreta perda de popularidade que se verificava com o passar do tempo.

Primeiro, está-se no cinema com uns quantos papéis pequenos em filmes populares. Depois, se acontecer aquilo que todos

os atores desejam, chega-se ao estrelato. Depois de anos de trabalho, vira-se um sucesso instantâneo.

Eu não tinha assistido à parte inicial e vertiginosa da ascensão dos meus pais ao sucesso. Cheguei àquele mundo quando a minha mãe, Debbie Reynolds, ainda fazia filmes bons, com um grande orçamento, na MGM. Mas conforme fui crescendo, e com a minha consciência a despertar muito lentamente, reparei que os filmes já não eram o que tinha sido ao início. O contrato dela expirou quando tinha trinta e muitos anos. Recordo que o seu derradeiro filme na MGM, aos 40 anos, era de terror, e que se chamava *Duas Mulheres... um Destino*. Não se tratava propriamente de um *Serenata à Chuva*, e a coprotagonista, Shelley Winters, matava-a, sem pensar muito nisso, no fim do filme.

Pouco tempo depois, a minha mãe começou a trabalhar em clubes noturnos em Las Vegas, no agora defunto Desert Inn. Ao mesmo tempo, também comecei a trabalhar lá, cantando *I Got Love* e *Bridge over Troubled Water* nos espetáculos dela. Foi um grande passo para mim após ter terminado o liceu. O meu irmão mais novo, Todd, acompanhava-me à guitarra, e as bailarinas da minha mãe dançavam e cantavam atrás de mim (algo que, em ocasionais momentos estranhos da minha vida, desejei que continuassem a fazer).

A minha mãe levou, então, uma versão modificada do seu espetáculo por salas e feiras por toda a América. Depois disso, fez um musical na Broadway. Eu ficava atrás dela, como uma das cantoras de acompanhamento, que tendiam a ficar ocultas. Ela continuou a fazer o seu espetáculo durante

os 40 anos seguintes, com investidas em programas de televisão e filmes (sendo o mais notável *Mãe*, de Albert Brooks).

O meu pai, Eddie Fisher, tocou em clubes noturnos até deixarem de o contratar, e, quando deixou de ser contratado, isso deveu-se, em parte, a ter deixado de ser relevante como cantor de charme e, por outro lado, por se mostrar mais interessado em sexo e drogas do que noutra coisa qualquer. Injetar *speed* durante 13 anos pode causar moosa em qualquer carreira que se tente manter. Perguntem por aí.

Periodicamente, ele conseguia assegurar um contrato para um livro, ou... bem, na verdade, era só isso. Ninguém podia arriscar contratá-lo para cantar; a probabilidade de ele não aparecer era grande e o seu alcance vocal fora severamente restringido pelo seu estilo de vida debochado. Além disso, as pessoas tinham dificuldade em perdoar-lhe por ter trocado a minha mãe por Elizabeth Taylor, muitos anos antes, levando-o a ser conhecido nos seus restantes anos como o «Malandro Americano».

Um dia, quando eu tinha uns 12 anos, estava sentada no colo da minha avó. O que não era boa ideia, fosse em que idade fosse, tendo em conta que Maxine Reynolds não era, para não dizer pior, uma mulher amorosa. De repente ela perguntou à minha mãe:

— Olha, arranjaste aqueles bilhetes para o *Annie* que eu te pedi?

E fitou-a com um olhar desconfiado. (A minha avó tinha três olhares: esgar desconfiado, esgar hostil e esgar de desilusão. Desilusão ativa, viva e condescendente.)

— Desculpa, mamã — respondeu a minha mãe. — Há algum outro espetáculo que queiras ver? O *Annie* parece que está esgotado até ao fim do mês. Tentei em todo o lado.

A minha avó contraiu os lábios, fazendo uma careta de quem teria cheirado algo mau. Depois, expeliu ar pelo nariz e pronunciou um «Hmmmmmm» desiludido.

— Em tempos, nesta cidade, ser a Debbie Reynolds significava algo — comentou. — Agora, nem sequer me arranja uns míseros bilhetes para um espetáculo. — Sem querer, dei um apertão à minha avó, como se, ao fazê-lo, expulsasse todos os futuros comentários aviltantes do seu corpinho atarracado. Foram episódios como este que me levaram a decidir: Nunca quereria fazer parte do *show business*.

Assim sendo, porque é que aceitei visitar o local de filmagens de *Shampoo*, sabendo que poderia haver nesse filme um papel em que eu encaixaria? Vá-se lá saber. Talvez pretendesse saber como é ser desejada por Warren Beaty, em qualquer sentido da palavra. Seja como for, aos 17 anos não encarei isso como uma hipótese de carreira. Ou talvez estivesse a enganar-me a mim mesma. Deus sabe que não seria a última vez que o faria. Enganarmo-nos a nós próprios não exige sentido de humor. Mas o sentido de humor dá o seu jeito para quase tudo o resto. Especialmente nas coisas mais sombrias, nas quais isto não se encaixa minimamente.

Consegui em *Shampoo* o papel de Lorna, a filha de Jack Warden e Lee Grant. Basicamente, eu tinha uma cena, que

era com o Warren, que fazia de cabeleireiro e amante da minha mãe, assim como de toda a gente no filme. A minha personagem não gostava da mãe e nunca tinha arranjado o cabelo (i.e., dormiu com o cabeleireiro).

O facto de Lorna não arranjar o cabelo seria uma forma de rebeldia contra a mãe? Possivelmente. Fazer-se ao cabeleireiro da sua odiada mãe seria uma forma de se meter com ela? Sem dúvida. Será que a Lorna se arrependeria se o pai descobrisse? Provavelmente. Ou não. É só escolher.

No filme, apareço num *court*, vestindo um conjunto de ténis, de raquete na mão, ao lado de um tenista profissional que bate bolas, enquanto vejo o Warren chegar. Conto-lhe que a minha mãe não está em casa e levo-o para a cozinha, onde lhe pergunto se anda envolvido com ela e se quer alguma coisa para comer. Digo-lhe que nunca fui a um cabeleireiro, que não sou nada parecida com a minha mãe e pergunto-lhe se quer foder. A cena termina com a minha proposta e depois damos comigo no quarto, pós-coito, a voltar a pôr o lenço na cabeça.

Porque é que eu usava um lenço na cabeça, provavelmente esqueceram-se de perguntar? Porque eu, a Carrie, tinha cabelo curto (aquele tipo de cabelo com que se fica depois de ir ao cabeleireiro), daí ter de usar uma peruca para mostrar que uma visita ao cabeleireiro nunca seria encontrada na minha agenda. Usei o lenço porque dessa forma a peruca parecia-se menos uma peruca. A outra grande questão em que, provavelmente, estarão a pensar é se usei soutien por baixo do meu conjunto de ténis (e se não usei, porque não)?

Simples. O departamento do guarda-roupa perguntou ao Warren, estrela, coargumentista e produtor de *Shampoo*, se queria ou não que eu usasse soutien por baixo das minhas vestes de ténis. O Warren estreitou os olhos na direção do meu peito.

— Ela neste momento está a usar um?

Fiquei ali parada, como se os meus seios e eu estivéssemos noutra lugar qualquer.

— Sim — respondeu a Aggie, a figurinista.

O Warren franziu os lábios, pensativo.

— Vamos ver como fica sem ele.

Segui a Aggie até à minha caravana minúscula e despi o soutien. Regressei de imediato ao escrutínio do Warren. Uma vez mais, estreitou impassivelmente os olhos na direção do meu peito.

— E isto é sem nada? — perguntou.

— Sim — suspirou a Aggie.

— Vamos sem nada — decretou, orientou, exortou, ordenou.

Eu e os meus seios seguimos a Aggie de volta à minha zona nos camarins e assunto encerrado. Os meus seios sem soutien em *Shampoo* podem ser comidos com os olhos no *YouTube* (ou no *LubeTube*), tal como o meu aspeto sem-roupa-interior-no-espaco no primeiro *Star Wars*, e o meu biquíni metálico (ou *Jabba Killer*) no terceiro (agora, confusamente conhecidos por episódios IV e VI).

As minhas duas cenas em *Shampoo* levaram apenas uns dias a rodar e, quando terminaram, voltei a viver em casa, com a minha mãe e o meu irmão mais novo, Todd, na esperança

de que não fosse morar lá por muito mais tempo, apesar de qualquer período ser excessivo para o meu eu demasiado-hip-para-pôr-por-palavras.

Nunca tive uma audição como a que fiz com Terrence Malick, o realizador de *Dias do Paraíso*. Recordo-me de estar sentada com ele mais de uma hora a falar. Não fui só eu a falar, graças a Deus, apesar de achar que a ideia era conhecer-me e saber como eu era. Afinal de contas, não fora *eu* que o chamara a uma sala para falar sobre um filme que *eu* estava a fazer.

Lembro-me de lhe ter contado claramente demasiado sobre mim, um hábito que, com o tempo, só se foi intensificando. Mas, sendo eu uma adolescente, ainda não contava com um grande repertório de histórias engraçadas. Uma das melhores que eu tinha na altura relacionava-se com o cómico Rip Taylor (ele e a minha mãe faziam um espetáculo juntos em Vegas) e com o seu secretário gay, o Lynn.

Eu tinha uma paixoneta pelo Lynn. Ele era bem-parecido, usava lenço ao pescoço e era mesmo delicado, capaz de cair como uma pena no vento se se respirasse para cima dele. O Lynn chamava-me a sua «maçã do amor¹» e costumávamos curtir no autocarro da equipa.

Se eu andasse no liceu em vez de a fazer espetáculos com a minha mãe, teria tido acesso aos locais mais adequados

¹ Este termo tem origem na designação de tomate em francês, «pomme d'amour». No passado chegaram a ser atribuídas ao tomate propriedades afrodisíacas. [*N. do T.*]

ao aparecimento das minhas emoções de adolescente. Teria vivido uma vida de adolescente. Mas dado não estar a desfrutar dessa vida, passava a vida apaixonada por homens gays.

Além do Lynn, também houve o Albert, bailarino no *show* da Broadway *Irene*, com a Debbie. Era atraente e gay (apesar de, na minha opinião pouco informada, não se perceber) e costumávamos curtir nos camarins. A minha mãe estava ao corrente, por isso, que merda era aquela? Eu só tinha 15 anos e era um fruto apetecido, mas ilegal. A minha mãe disse:

— Se vais fazer sexo com o Albert, se quiseres eu posso assistir e dar indicações.

Para ser justa, nessa altura a minha mãe andava mesmo de cabeça perdida. Toda a vida dela se desmoronava, por isso ela tentava escorá-la providenciando algum amor de mãe aberto e/ou excêntrico.

Não há muitos momentos perfeitos para dar voz a uma história assim, por isso estou praticamente certa de que Terry Malick terá ouvido as histórias do Lynn, do Albert e da minha mãe. Ele parecia o tipo de pessoa interessada em ouvir qualquer história bizarra que nos tivesse deixado assustados e a sentirmo-nos sozinhos. Improvisava imenso nos seus filmes, pelo que estas entrevistas poderiam ser a sua forma de determinar se os atores se sentiam confortáveis na sua própria pele. (Sou alguém que se sente *muito* confortável na sua pele. Só gostava que às vezes não houvesse tanto espaço para esse conforto.)

Reunimos várias vezes antes de o Malick me pôr a ler os textos com o John Travolta. Na altura, o John era famoso

devido à sua *sitcom* *Welcome Back, Kotter*. Parecia evidente que o John «estava destinado» a assumir o papel principal em *Dias do Paraíso* e, de todas as vezes em que representámos juntos, mostrámos uma grande química. Tal como duas provetas contendo um líquido inflamável, fervilhámos juntos de forma confortável. Se o John protagonizasse o filme, iria eu contracenar com ele? As coisas pareciam estar bem encamiñadas para mim.

Mas depois, por algum motivo, o John não pôde fazer o filme. Por isso, ele ficou de fora e entrou o Richard Gere. Li com o Richard Gere. Digamos apenas que as nossas provetas não fervilharam de forma compatível. Assim sendo, eu estava de fora e a Brooke Adams estava dentro. A minha potencial carreira como atriz séria estava, pelo menos por agora, num beco sem saída. Precisaria de mais do que de um *cameo* em *O Dueto da Corda* para que as pessoas deixassem de me ver apenas como a Princesa Leia.

Dias do Paraíso revelou-se um filme maravilhoso e talvez tivesse servido para me libertar da Leia, mas a minha cruz — muito, muito leve — haveria de ser sempre a de ser conhecida como Princesa Leia e não como Aquela Rapariga Que Esteve Muito Bem Numa das Primeiras Obras-Primas de Terrence Malick.

Participei em audições para outros filmes (*Brilhintina* e *Uma Fortuna por Água Abaixo*) e depois candidatei-me a duas escolas de representação em Inglaterra. A Royal Academy of Dramatic Art não quis nada comigo, mas a Central School of Speech and Drama, frequentada por alunos

notáveis, como Laurence Olivier, Harold Pinter e as irmãs Redgrave, disse que sim.

Era aquilo que eu, de forma muito egoísta, aguardava: a oportunidade de deixar de viver na mesma casa (ou até no *mesmo país*) com a minha mãe, recentemente divorciada e com bolsos pouco fundos. Como bônus, poderia ganhar verdadeira experiência em representação, como nunca tivera, em parte por ainda não estar certa de querer ser atriz. Talvez pudesse ser algo exequível sem um diploma do liceu ou quaisquer outras aptidões credenciadas, um emprego que me daria dinheiro suficiente para andar pelo mundo e iniciar aquilo que eu viria, ridiculamente, a chamar de «minha verdadeira vida».

Quando comecei a frequentar a Central tinha 17 anos e era a aluna mais nova. Era a primeira vez que vivia efetivamente por minha conta. Encontrava-me, finalmente, longe da minha mãe (de quem não me importava de viver às custas, mas com quem não queria morar), num apartamento que subarrendava a um amigo, onde ninguém se sentiria desiludido comigo. E se alguém, estranhamente, se sentisse, não me importava, porque não eram família.

HÁ MUITO TEMPO, NUM ESTÚDIO EM INGLATERRA...

Passei tantos anos sem falar no caso amoroso que eu e o Harrison tivemos durante as filmagens do primeiro filme Star Wars, que agora já é difícil saber exatamente como contar essa história.

Quando Carrie Fisher descobriu os diários que escreveu enquanto filmava *Star Wars*, ficou surpreendida com o que encontrou: poemas lamurientos, meditações ingênuas e uma vulnerabilidade que mal conseguiu reconhecer. Hoje, a sua fama enquanto autora, atriz e ícone da cultura pop é indiscutível, mas, em 1977, Carrie era uma adolescente com uma paixão pelo seu coprotagonista, Harrison Ford.

Os excertos aqui partilhados são uma lembrança íntima e reveladora do que aconteceu no *set* de um dos mais famosos filmes de sempre — e do que se passou nos bastidores. É também uma reflexão sobre as alegrias e a loucura da fama, e o absurdo de uma vida nascida na realeza de Hollywood, ultrapassada pela sua própria realeza numa galáxia distante. Divertidos, hilariantes e memoráveis, *Os Diários da Princesa* proporcionam uma visão perspicaz do tipo de estrelato que poucas pessoas alguma vez viverão.

«Uma reflexão ponderada e sarcástica sobre o preço da fama.»

The New York Times Book Review

v o g a i s

com todas as letras

20|20 editora

ISBN 978-989-668-433-4



9 789896 684334

Biografia/Memórias